

**(AN)DANÇAS(1) EM ZONAS DE FRONTEIRAS: ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA...**

*Profª Drª Marisa Valladares*



Quando pequena, quis ser bailarina, transitando em zonas de fronteiras entre o cotidiano e o sonho, com a cumplicidade de amigas. O dever de casa era o (pre)texto para (an)danças entre nossas casas. Faziamo-nos lindas, com laços na cabeça, levando saiotos de tule na bolsa de livros. Eu, menina feita professora, ajudava as colegas nos estudos. Estes fragmentos de minha história de vida, são laços de fita de outrora se enlaçando no hoje como nós – nós de amarras e de junção de nós todas, professoras – nos fios da *vidamemória*, atualizando o passado num presente expandido naquilo que há (de)vir...

Como professora efetuo (an)danças nos *espaçotempos* de estágio de licenciaturas, que considero zonas de fronteiras entre escola e academia. O fascínio desafiador de um currículo *escrevivo*, na companhia de licenciandos e professores de escolas, nestas paragens de saber, nos faz, a todos, mambembes dançarinos em memórias, rodopiando, na ponta dos pés, tentando alçar o infinito de lembranças.



(pre)textos de (an)danças

Fissuras do traçado de limites das zonas de fronteiras dos estágios curriculares incitam *narradorespraticantes* à criação de uma coreografia metodológica, improvisada passo a passo, no imprevisível bailado com os cotidianos, na busca de possíveis respostas às questões: a quem pertencem os limites que definem a existência das zonas de fronteiras, onde nada termina, sempre começa? Como sujeitos (re)significam narrativas de si mesmos e (re)inventam sua formação docente, nos *espaçotempos* de estágio curricular das licenciaturas?

As respostas que juntei não são resultados, nem modelos, nem prescrições para (trans)formações: são nuances, indícios que anunciam mais do que prometem.



(an)danças em zonas de fronteiras

Elas promovem meu permanente retorno à (i)ma®gem inicial do *ballet*: como o limite impossível entre dois corpos na dança, quando um é outro senão a harmonia se desfaz, o limite das zonas de fronteiras do estágio curricular das licenciaturas também só é um fino traço, que permite linhas de fuga a distinguir e juntar escola e academia. Do risco do limite, as zonas de fronteiras avançam até (im)previstas periferias, onde encontros com outros riscos as multiplicam para além de horizontes. Então, o limite não é da escola, nem da academia, sendo das duas, híbrido risco para quem o trança, em (an)danças.

Outras respostas se arriscam a bailar. Dizem da dureza do chão, para quem se põe na ponta dos pés, buscando aprendizagens que não são presentes e sim criações do fazer docente que, sem repetições, resiste, negocia, traduz cotidianos vividos, recria eternos ensaios de aprender... As (i)ma®gens das zonas de fronteiras (re)significam o estágio como *espaçostempos* de formação docente, não mais cindida em inicial e continuada, não mais restrita a licenciandos, mas ampliada à comunidade de seus *sujeitospraticantes*, potencializados como pesquisadores e produtores de conhecimento. Não só a universidade é responsável pelo estágio, a escola também o é. Essas aprendizagens não admitem pretensão de hierarquia entre escola e universidade, antes, dizem do brilho nacarado de pequenas estrelas que exigem virar o mundo de ponta cabeça para tê-las ao alcance das mãos nos delicados bordados de fantasias de um viver mais bonito...

(1) Aprendi com Ferrazo, orientador no doutorado, a não perder o liame entre palavras, por isso muitas se juntam. Tratei, então, de investir nelas como imagens: sem dividi-las, uso-as como uma em duas, com parênteses.

### **sobre o(a) autor(a):**

Professora doutora do centro de educação da UFES.